

Dossiê: Antropologia, Cinema e Novas Tecnologias

Apresentação

Alex Hermes

Universidade Federal do Rio de Janeiro
alex.hermes@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6346-9530>

João Pedro Sanson

Universidade Federal de São Carlos
ojoaosanson@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3047-4173>

Sérgio Gabriel Baena Chêne

Universidade Estadual de Campinas
gabrielcbaena@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0677-1941>

O dossiê Antropologia, Cinema e Novas Tecnologias reúne reflexões multitemáticas que cruzam os campos da antropologia entre o audiovisual, o digital e as novas tecnologias de informação e comunicação, destacando o uso destes meios como instrumento para o estudo das alteridades. Ao investigar como o cinema etnográfico, as redes sociais, a inteligência artificial e outras mídias reconfiguram as interações entre pesquisadores e interlocutores, o dossiê propõe novos contextos de campo e desafia dicotomias hegemônicas, ampliando as perspectivas teóricas e práticas no estudo antropológico.

A expressão visual e o experimento de novas tecnologias de registro e construção narrativa nos instigam a romper com as noções tradicionalistas de objetividade, que propõem que o antropólogo, analista, disponha-se ao olhar sobre e através do outro por meio da observação participante e da escrita etnográfica. Estas formas de produção de conhecimento trabalham em lógicas alheias às de um documentarismo frio e uma catalogação distante de dados. Seu valor analítico e metodológico está nas diferentes formas de produção de dialogia com as alteridades, transformando o espaço etnográfico em um ambiente onde pode-se experimentar múltiplas formas de se tecer os saberes e as práticas compartilhadas. A câmera, por exemplo, revela através da prática etnográfica, que tudo é corte, montagem. Todo olhar é fragmentado mesclando diferentes histórias e perspectivas para formar contextos inteligíveis que são constantemente modificados e negociados.

Quando pensamos no cenário das redes sociais e das práticas de etnografia online, o estudo antropológico se entrelaça também com o ambiente digital, onde a produção de memórias e de narrativas coletivas se dilui no fluxo frenético de informações compartilhadas. Pensar uma antropologia feita na interseção do digital e visual é uma tarefa criativa e nos propõe a pensar novas construções epistemológicas. Uma etnografia digital, por exemplo, é fundamental para explorar como a internet e as tecnologias digitais configuram novas práticas culturais e sociais.

Hine (2015) nos apresenta três aspectos contemporâneos experienciados na internet. Na primeira delas, a autora entende que a internet está incorporada em nossas vidas de maneira quase imperceptível. Na segunda, cotidiana, a internet se tornou algo comum para nós, mesmo que, em alguns contextos, a internet possa ter cenários diferentes e questões distintas. E, assim, corporificada, a autora entende que os eventos no ciberespaço podem evocar reações físicas e emocionais, fazendo com que a experiência online não seja separada do corpo humano. As novas tecnologias neste dossiê são entendidas como os recentes aparatos tecnológicos, como softwares, *gadgets*, novas ferramentas online, inteligência artificial (IA) dentre outras, que corroboram para novas produções audiovisuais e/ou novas práticas de pesquisa científicas.

Com a disseminação das IAs e sua integração nas práticas visuais, a antropologia contemporânea envereda ainda por uma via experimental. A capacidade das IAs de gerar

imagens a partir de comandos textuais (trabalhado em um dos artigos deste dossiê), por exemplo, permite a criação de imbricamentos visuais complexos e pode amplificar ou distorcer as narrativas originais, trazendo à tona muitas questões sobre a ética, a autenticidade e a autoria.

Até que ponto uma máquina é capaz de capturar a complexidade emocional e cultural da experiência humana? E mais, em que medida essa colaboração híbrida redefine o que é considerado conhecimento antropológico? Como veremos, a inteligência artificial quando utilizada na produção de imagens e representações etnográficas revela potencialidades e limitações desse tipo de diálogo entre humanos e não-humanos, expondo as fragilidades das convenções acerca do olhar antropológico.

Um exemplo de campos híbridos pode ser observado na desastrosa pandemia do SARS-CoV-2, que demandou uma reformulação abrangente das práticas de sociabilidade, dos modos de produção e consumo, bem como das formas de realizar pesquisa científica. Como nos lembra Daniel Miller (2020), sobre como conduzir uma etnografia durante o isolamento social, quando afirma que o método é algo que se aprende, abre possibilidades para a realização de trabalhos de campo em condições excepcionais.

O presente dossiê, então, emerge de um campo de estudos em transformação, onde o cinema etnográfico, as redes sociais, a inteligência artificial, as plataformas digitais, e muitos outros dispositivos oferecem novas perspectivas sobre o fazer artístico e antropológico. As reflexões trazidas, cada uma a seu modo, constroem espaços de colaboração em busca de novas abordagens sobre alteridade. Aqui, a pessoa leitora irá se deparar com perspectivas críticas e congruentes com a reflexão sobre os caminhos da antropologia pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e pelo audiovisual.

Neste dossiê, reunimos contribuições de núcleos de pesquisa que abordam imagem, cinema e tecnologias da comunicação, como o Núcleo de Antropologia Visual (NAVIS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e o Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e Sociabilidade (LELuS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A partir das edições II, III e IV da Mostra Latinoamericana de Filmes Etnográficos (NAVIS-UFRN), nas quais dois dos organizadores atuaram como curadores, observou-se um expressivo aumento de obras audiovisuais que incorporam novas tecnologias de comunicação em suas produções. Tais obras foram impulsionadas,

sobretudo, pela pandemia da Covid-19, mas também pela profusão de novos softwares e equipamentos tecnológicos, que não apenas facilitaram, mas também desafiaram as formas tradicionais de criação filmica.

As experiências em nossos núcleos de pesquisa proporcionaram importantes insights metodológicos. Além dessas vivências, também foi possível observar esses aspectos em nossos contextos de pesquisa de dissertação de mestrado e doutorado. Por exemplo, a realização de entrevistas via Google Meet para a produção de um documentário ou o uso de softwares para a produção de peças de comunicação sobre cuidados relacionados à Covid-19, adaptados às realidades das comunidades remanescentes de um quilombo no estado do Pará (Chêne, 2023).

Passemos, então, a apresentação da composição do dossiê. Há uma entrevista realizada por Júlia de Freitas Motta e Cristhyan Kaline Soares da Silva, editoras gerais da Revista Equatorial. As pesquisadoras conversaram com seis representantes da rede de Museus AfroDigitais: Ana Paula Alves Ribeiro (Uerj), Antonio Motta (UFPE), Charles Douglas Martins (UFPE), Lívio Sansone (UFBA), Maria Alice Rezende Gonçalves (Uerj) e Marilande Martins Abreu (UFMA). Falaram sobre a importância dos Museus AfroDigitais, os desafios enfrentados na preservação e divulgação de acervos digitais, e a necessidade de repensar as estratégias de curadoria e acesso, além de explorar o futuro dos museus digitais no contexto das novas tecnologias e demandas sociais presentes nas universidades e na sociedade civil.

Abrindo as reflexões sobre o imaginário urbano, Jesus Marmanillo Pereira, no artigo “Recife e o Hermes roubado: Imagens, mitos e imaginário sobre a circulação na cidade”, aborda um tema que conecta antropologia, mobilidade urbana e novas tecnologias. O autor explora o metrô de Recife como objeto de estudo, associando-o a mitos fundacionais, como Prometeu e Hermes, para discutir paradoxos entre progresso técnico, exclusão social e as múltiplas narrativas que moldam a cidade. O texto dialoga com os contextos históricos de implementação do metrô nos anos 1980 e sua adaptação para o turismo esportivo durante a Copa do Mundo de 2014, propondo uma análise sobre o impacto simbólico e social dessas transformações. O objetivo do artigo é compreender como o imaginário urbano de Recife é construído a partir de representações sobre a mobilidade, associando a infraestrutura tecnológica a narrativas culturais e simbólicas. Para

isso, o autor utiliza métodos etnográficos e uma abordagem sócio-histórica fundamentada na mitanálise¹ de Durand, combinando dados de jornais, narrativas artísticas (como músicas e poemas) e observações de campo.

O segundo texto é de Anne-Sophie Gosselin e seu título é “Etnografia online e a memória viva do candomblé nas redes sociais”. Ela aborda a construção de um espaço de memória digital para o Ilê Axé Oloioobá, uma casa de candomblé em Fortaleza, Ceará. O estudo utiliza o perfil do terreiro no Instagram para analisar como as tecnologias digitais são mobilizadas na produção de narrativas que unem estratégias de visibilidade com a reconstrução de um passado marcado pelo assassinato da fundadora, Mãe Obassi. A partir de uma metodologia híbrida que integra etnografia online e offline, o artigo revela as dinâmicas reflexivas dos atores sociais envolvidos, desde pesquisadores até os membros do terreiro.

José Muniz no artigo “O filme etnográfico: outros contatos, diversos olhares” aborda as potencialidades do filme etnográfico na Antropologia Visual, destacando seu papel em promover narrativas mais horizontais e éticas entre pesquisador e colaboradores. Baseando-se em autores como Tim Ingold, Marilyn Strathern e Johannes Fabian. O texto reflete sobre as contribuições dessa abordagem para a escrita antropológica. Muniz também relata em sua pesquisa de mestrado no Vale do Mamanguape-PB, onde utilizou o filme para documentar memórias cinematográficas locais, como a câmera pode ser uma ferramenta de interação e negociação cultural.

O artigo “O fazer musical e o fazer etnográfico: perspectivas em comparação durante a pandemia da Covid-19”, de Marcus de Freitas, explora as transformações nas práticas musicais e etnográficas durante a pandemia, analisando como ambas se adaptaram ao ambiente digital. Baseado em uma pesquisa com musicistas independentes de Curitiba/PR, o texto utiliza o conceito de “evento de campo” para repensar o trabalho de campo mediado por tecnologias. Destaca-se o impacto das interações digitais na produção musical e nas metodologias etnográficas, com exemplos como lives em redes sociais e projetos colaborativos, que criaram novas formas de sociabilidade e expressão artística.

¹ A mitanálise, conforme proposta por Durand (1985), orienta-se pela observação dos fluxos nas práticas, instituições e documentos, destacando os processos diacrônicos que fundamentam os mitos e suas conexões simbólicas.

O artigo “Confabulações tecnopoéticas: Inteligência artificial e a produção de imaginações compartilhadas”, de Daniele Borges Bezerra, aborda as relações entre tecnologia, IA e imaginação sob uma perspectiva antropológica, destacando como as IAs influenciam e são representadas nas narrativas de ficção científica. Analisando a evolução dessas representações no cinema, de cenários distópicos a tecnologias visionárias, o texto propõe o conceito “devir-com”, que sugere uma colaboração mútua entre a imaginação humana e as IAs. Filmes como “2001: Uma Odisseia no Espaço” e “Ela” ilustram temas como a humanização das máquinas e a desumanização humana, além de questões éticas e estéticas.

O texto “Entretenimento, Cultura do Déficit de Atenção e Séries”, de Stamberg Júnior, analisa os impactos da digitalização das experiências sociais, intensificada pela pandemia da Covid-19, nas dinâmicas de produção e consumo de entretenimento. O autor explora a “cultura do déficit de atenção”, conceituada por teóricos como Christoph Türcke e Zygmunt Bauman, destacando como o excesso de estímulos tecnológicos prejudica a capacidade de concentração e favorece conteúdos rápidos e descartáveis.

O trabalho “Investigando a arte de rua por meio do audiovisual: um relato etnográfico”, de João Pedro Sanson, analisa as práticas artísticas em espaços públicos e como elas transformam as dinâmicas urbanas. Sanson realiza uma minissérie etnográfica para explorar os desafios e as potencialidades da produção e edição de registros multimidiáticos em etnografias compartilhadas. Utilizando a câmera para capturar as performances de Rayne Sena, seu parceiro de pesquisa, entre Piracicaba e Jaú, ele demonstra como a câmera modula a produção etnográfica e revela tensões entre a rotina urbana e as práticas artísticas. A integração de diferentes mídias na construção de registros compartilhados promove relações colaborativas e éticas. Inspirado por Steven Feld, o autor vê a minissérie como um exercício de “intervocalidade”, onde múltiplas vozes se unem para criar uma narrativa polifônica sobre experiências urbanas e artísticas. Sanson destaca que a presença da câmera influencia tanto os eventos registrados quanto suas interpretações, exigindo uma reflexão ética sobre a captura e a construção de narrativas que não individualizam as performances observadas.

Considerando os aspectos das questões apresentadas inicialmente neste dossiê, os artigos oferecem conexões e uma compreensão das inovações tecnológicas e das

produções audiovisuais no campo das ciências sociais. Os diversos caminhos de pesquisa e as metodologias aqui empregadas funcionam como um processo de reflexão para a produção antropológica. Esperamos que as questões emergidas possam servir como um estímulo para novas reflexões e conexões criativas de pesquisa no audiovisual, nas inovações tecnológicas e, sobretudo, na área da antropologia. Boa leitura!

Referências

ASSUNÇÃO, Alexandre Hermes Oliveira. *O Terreiro do Pajé Barbosa: memórias político-afetivas do território Pitaguary*. Orientador: Lisabete Coradini. 2023. 178f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

CHÊNE, Sérgio Gabriel Baena. *Quilombolas do Pará e mídias sociais: a incorporação de tecnologias digitais na ação coletiva emergencial Sacaca e Malungu na luta contra o coronavírus*. Orientadora: Lisabete Coradini. 2023. 186f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

HINE, C.; PARREIRAS, C.; LINS, B. A. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo*, São Paulo, [S. l.], v. 29, n. 2, pp. 1-42, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181370>. Acesso em: 15 out. 2024.

MILLER, D. Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. In: *LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE TEORIA E MUDANÇA SOCIAL*. Blog do Labemus. [S. l.], 23 maio 2020. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2020/05/23/>. Acesso em: 10 out. 2024.

SANSON, João Pedro. *Da lama ao caos: a arte em situação de rua*. 2022. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.